



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES
DE JOVENS E ADULTOS**

V Seminário Nacional

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP*

REFLEXÕES DE DUAS ESTUDANTES E EDUCADORAS, A PARTIR DOS ENSINAMENTOS FREIREANOS: O DIÁLOGO NA EJA

Eliane Aparecida Bacocina

Universidade Estadual Paulista – UNESP Rio Claro
elianeab3@gmail.com

Débora Sara Ferreira

Universidade Estadual Paulista – UNESP Rio Claro
debily_ferreira@hotmail.com

Modalidade: Comunicação oral

Eixo temático: Identidades e trajetórias na formação dos educadores(as) da EJA

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma reflexão teórico-metodológica sobre o diálogo em Paulo Freire e sobre os modos como essa perspectiva dialógica, tão presente em seu método e em seus textos têm movido nossas experiências de ensino e pesquisa. Construímos nosso texto em forma de diálogo, considerando que essa é uma metodologia bastante presente nos textos de Paulo Freire, e nele vamos apresentando nossas experiências e reflexões. Reflexões que partem de nossa prática como educadoras e dos conhecimentos que adquirimos cotidianamente com nossos educandos, além de trazermos exemplos de nossas pesquisas, já realizadas ou em andamento. Como referencial teórico trazemos as obras de Paulo Freire *A importância do ato de ler* e *Pedagogia da Autonomia*. No diálogo apresentado, fazemos referência aos projetos de extensão e trabalhos de graduação, pós graduação, Mestrado e Doutorado que desenvolvemos e dos quais participamos. Entre os temas abordados estão os conhecimentos adquiridos a partir dos estudos de Paulo Freire, experiências de ensino, experiências de pesquisa, formação do educador e reflexão sobre a própria prática e a importância do diálogo e da valorização dos saberes dos educandos. Refletimos sobre o quanto o legado de Paulo Freire tem a nos ensinar nos dias de hoje e sobre o quanto é importante que a sociedade contemporânea retome seus conhecimentos, principalmente no que diz respeito à educação. Finalizamos o texto destacando três atitudes freireanas que consideramos necessárias para a educação no século XXI: compartilhar, ouvir e conhecer. Desafios que se fazem necessários para a sociedade atual.

PALAVRAS-CHAVE

Diálogo, humanização, formação do educador.

1. INICIANDO O DIÁLOGO

Olá, Débora,

Saudações freireanas!



Lembra daquela nossa ideia de discutir Paulo Freire e as lições deixadas por ele e que tanto têm nos encantado? Impossível não trazer seus ensinamentos para nossos modos de ensinar, de ouvir e nos relacionar cotidianamente com nossos educandos, não é mesmo? E em nossas pesquisas, então? O quanto ele está presente, nosso querido mestre de barbas brancas... Alguns desavisados pensam que seus conhecimentos estão ultrapassados, mas lendo esse autor, um trecho aqui, outro ali, impossível não perceber que ele dizia coisas das quais hoje estamos tão necessitados...

E relendo seus textos, folheando seus livros, observo que uma característica forte que ele tem nos mostrado é seu modo dialógico de abordar tanto os educandos, sujeitos de sua educação libertadora, quanto os companheiros de reflexão com os quais desenvolveu alguns de seus livros. A mesma perspectiva é trazida em relação ao diálogo com o conhecimento, pelo qual ele tinha tanta paixão, não apenas em adquirir, mas também em compartilhar.

Então, fiquei pensando, por que não desenvolvermos essa nossa discussão da forma como ele nos ensinou? Dialogando, conversando e, dessa forma, construindo nossas reflexões, podemos trocar ideias, aprender uma com a outra e, nesse movimento, permitir sermos transformadas em nossas práticas educativas e de pesquisa. Que tal?

2. MESTRE QUE APRENDE AO ENSINAR

Olá, Eliane!

Saudações freireanas!

Primeiramente fico lisonjeada pelo convite. Refletir acerca das questões que Paulo Freire nos traz acerca de nossas práticas educativas, nossos diálogos e nossas formas de encarar e tratar o mundo sempre me encanta... a questão da autonomia tanto do mestre quanto do aprendiz nos faz refletir o quanto essa prática de leitura nos faz olhar o mundo de outras maneiras, outras perspectivas... talvez um novo olhar se manifeste entre nós.

Paulo Freire sempre me inspira quando planejo nossos encontros, pois quando em seus diálogos ele diz que o mestre aprende ao ensinar e o educando ensina ao aprender, trago de concepção para meu olhar com os educandos e realmente acredito que eu como mestre aprenda muito ao ensinar e acredito que nossos educandos ensinem, realmente, ao aprender. Isso me toca, me move e me fascina!



Mas Eliane, me conte mais acerca do seu contato com Paulo Freire, gostaria de saber mais sobre o que meus colegas pensam a respeito de seus diálogos.

3. A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER NA PRÁTICA EDUCATIVA

Débora, você não imagina como sua curiosidade me deixa feliz. Sempre me emociona recordar meu encontro com Paulo Freire, pois ele representou um divisor de águas em minha trajetória como educadora e, portanto, como gente.

Em 2003, logo após concluir o curso de Pedagogia na UNESP, ao participar da atribuição de aulas no município de Cordeirópolis, aqui no interior de SP, onde resido e atuo como professora desde 1998, escolhi trabalhar com uma sala do chamado Ensino Supletivo, uma sala de alfabetização de adultos. Como eu trabalhava como professora de crianças havia cinco anos, ao adentrar aquele espaço, observei como tudo era diferente: o local mais silencioso, os educandos atentos e ao mesmo tempo, sedentos de aprender. Na mesma época iniciei o Curso de Especialização em Alfabetização, novamente na UNESP e, ao ser questionada sobre o tema para a monografia de conclusão do curso que nesse momento se iniciava, logo me veio a certeza de que era com aqueles meus educandos que eu gostaria de aprofundar meus estudos sobre alfabetização. Esse aprofundar, ao qual me refiro, não é no sentido de olhar para as dificuldades que eles traziam, mas sim aprender com eles. Com tudo aquilo que eles me mostravam que sabiam e conheciam, com o pedaço de Brasil que eles conheciam, tão diferente do chão asfaltado do município onde eu morava. Com o modo como eles viam uma placa de ônibus quando precisavam usar o transporte público, com a leitura que faziam de uma embalagem de margarina quando iam ao supermercado, com os cálculos que meu aluno pedreiro fazia ao trabalhar na construção de uma casa, enfim, com cada detalhe de aprendizado que eles me contavam durante os momentos em que nos encontrávamos em sala de aula.

Para minha alegria, um dos primeiros textos estudados nesse curso foi *A importância do ato de ler*, (1993) de nosso mestre Paulo Freire. Foi essa leitura, já realizada em outro momento de minha trajetória escolar, mas nesse momento revivida, que me ajudou a organizar uma metodologia de trabalho pedagógico para alfabetizar meus educandos. A partir da sequência que eu fui identificando naquele texto, construí um roteiro de trabalho e organizei um material constituído por imagens artísticas, músicas e poesias que pudessem ser oferecidas para leitura em sala de aula. Pensei nesses materiais a partir dos relatos que eles



traziam para as aulas, que deixavam claro como as imagens eram significativas para eles. Não só as imagens, como todos os sentidos... me parecia, em alguns momentos, que a leitura de mundo deles era muito mais atenta e mais rica que a minha, priorizada pelas letras e palavras. E Paulo Freire traduzia isso em palavras naquele texto, quando descrevia, por exemplo, as águas do rio brincando de geografia, as cores das mangas que ele “amolegava” em seu quintal e tantos outros pequenos detalhes que me mostravam o quanto é intenso o processo de leitura e que este vai muito além do que se vê escrito numa folha de papel. O resultado do trabalho com os educandos foi riquíssimo, pois após as leituras compartilhadas de cada material a eles apresentado, eles me contavam fatos de suas histórias de luta, traziam reflexões e lições de vida e, com isso, rompiam muitas das barreiras que os afastavam das margens das páginas escritas. Iniciavam seus processos de leitura da palavra escrita, enriquecidos por suas leituras de mundo.

Nessa época, “devorei” muitos livros de Freire, e em cada um deles ficava claro o papel do educador, papel que é político, que é humano e que é humanizador. Reforço aqui a fala que você utilizou - quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Essa lição aprendi na sala de aula, e junto com Paulo Freire, tive como mestres aproximadamente 20 educandos, de diferentes idades, que me mostravam isso no dia a dia. E para você, quem é Paulo Freire? Como é trabalhar com jovens e adultos?

4. EDUCAR JOVENS E ADULTOS NO COTIDIANO

Eliane, trabalhar com jovens e adultos a princípio me foi uma missão diferenciada de tudo aquilo que me imaginava fazendo no campo da Pedagogia. Em 2013 comecei a participar do PEJA (Projeto de Educação de Jovens e Adultos) da Unesp de Rio Claro, no qual todas as quartas-feiras íamos ao bairro Bom Sucesso realizar os encontros na Ong Arte e Vida e às sextas-feiras participávamos dos encontros que ocorriam na universidade com a turma da informática.

Trazer questões que possam auxiliar os educandos na questão da leitura, me fez refletir ao longo do tempo o quanto a importância do ato de ler de Paulo Freire, suas reflexões e vivências que nos trazem neste diálogo se fazem presentes em nossos encontros, nos quais procuro elaborar aulas com objetos cotidianos, falas cotidianas e como tudo isso contribui com grande importância para o crescimento de nossas educandas e por fim com nosso crescimento enquanto educadoras que, a cada encontro que fazemos, parte do diálogo que



estabelecemos com as educandas e o quanto é de extrema importância para nosso crescimento acadêmico e para nossas educandas é um momento muito enriquecedor.

Hoje já estou indo para o meu segundo ano de PEJA, e confesso que o público de jovens e adultos me encantou, enquanto as leituras de Paulo Freire vão norteando meu olhar para pensar minhas próprias vivências como educadora, refletir acerca de nossos encontros tanto com os educandos, quanto os próprios colegas do laboratório de pesquisa. Percebo o quanto as leituras de Paulo Freire, sua leitura de mundo, têm influenciado as questões pertinentes que permeiam nossos cotidianos.

Aprender a cada dia que passa é a maior riqueza que um educador pode ter e maior ainda é quando se aprende com os próprios educandos e conseguimos ter a marca perceptível de que eles também podem aprender conosco, que troca de experiências, não é, Eliane? É fantástico pensar a educação nestes “moldes” onde qualquer forma de hierarquia possa ser quebrada.

5. QUEM ENSINA E QUEM APRENDE – QUEBRANDO HIERARQUIAS

Realmente, Débora, a maior boniteza desse nosso trabalho como educadoras é quando temos a capacidade de aprender com nossos educandos. Seremos mestres sim, mas também seremos aprendizes. Paulo Freire nos mostra em cada um de seus textos que não devem existir hierarquias entre quem ensina e quem aprende. Um educador arrogante que chega perguntando: “Sabe com quem você está falando?”, além de perder o respeito daqueles a quem deve conquistar, perde também grandes oportunidades de aprender e adquirir novos conhecimentos. Que bonito esse trabalho que você realiza com essas educandas, respeitando seus saberes e, ao mesmo tempo, auxiliando-as a saber mais.

Isso me faz pensar a respeito do trabalho que desenvolvi no Mestrado em Educação, em continuidade ao trabalho da Especialização com os educandos, que relatei em minha fala acima. Propus a algumas professoras de EJA que participassem comigo de encontros de formação. Eram encontros, a exemplo do trabalho desenvolvido com os educandos, a partir da leitura de imagens artísticas, que tinham como fio condutor algumas temáticas: identidade, formação, sentimentos e trabalho. Tais encontros iniciavam com a leitura das imagens e seguiam com relatos que as professoras traziam a partir da própria prática na EJA, encerrando-se com uma proposta de produção artística. Pode-se dizer que eram entrevistas a partir de imagens, mas que tinham o objetivo de contribuir para a formação, um papel



formativo. Pois bem, realizamos sete encontros e, em determinado momento, após quatro encontros, elas foram surpreendidas quando, ao invés de imagens de artistas famosos, ali estavam, para leitura, produções dos educandos da minha pesquisa lado a lado com produções que elas próprias haviam realizado nos encontros anteriores. A partir daí, foi possível pensar no quanto é possível aprender com o educando, nas palavras de uma das professoras participantes, no quanto aquele aluno que está ali tem de conhecimento e o quanto nós temos que saber ouvir. Como Paulo Freire coloca, em *Pedagogia da Autonomia* (2004), “ensinar exige saber escutar”: “Escutar é obviamente algo que vai além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro”. (FREIRE, 2004, p. 119).

Novamente, com o escutar, retomamos a ideia de diálogo, diálogo que pressupõe abertura para aprender com o outro.

E, Débora, e você? O que tem aprendido com seus educandos?

6.UMA EDUCANDA QUE ENSINA AO APRENDER

Eliane, cada encontro um novo desafio, confesso!

Quando penso nossas atividades embasadas em questões freireanas, levo a cada dia materiais que remetam a lembranças do passado, como textos, imagens, pessoas conhecidas, que valem o debate e viram leitura, assim aprimorando nosso conhecimento. Às vezes é preciso pensar alguma atividade voltada para a culinária, logo elas se interessam muito mais e eu, como educadora, aprendo muito com as educandas questões da cozinha. Já quando levamos matemática, podemos problematizar uma compra no mercado ou até mesmo criar problemas cotidianos, como somar as contas de casa, as contas do mercado e o que vale nesse campo é a imaginação, que vale ressaltar, é auxiliada com a imaginação das educandas, que dizem o que desejam aprender, escrever e nos dão muitas ideias.

Dona Clemência é uma de nossas educandas do Bom Sucesso que, além de assídua nos encontros, é muito participativa. Em uma de nossas aulas no bairro Bonsucesso, pedi para que as educandas falassem de algo que lhes tivesse marcado na vida, um objeto, um lugar ou até mesmo uma pessoa e descrevessem.

Dona Clemência começou a descrever, e optou pela fazenda onde morou com a família há muitos anos atrás:



Professora, eu quero falar da fazenda que morava, este lugar marcou muito minha vida e minha história. Localizada numa cidadezinha logo perto de Rio Claro, morei muitos anos com meus filhos e com meu marido.

Na fazenda tinha muitas árvores, muitos bichos, muitas flores, tudo de bom que a natureza pode nos oferecer estava lá.

Enquanto ouvia Dona Clemência falar, me reportei a um trecho da importância do ato de ler, em que Paulo Freire falava da sua casa:

A casa velha, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe – o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras (FREIRE, 1994, p.13).

Pude perceber o crescimento de cada um de nossos educandos a partir de suas leituras cotidianas que se fazem e refazem na sala de aula a partir da composição das próprias palavras. E a partir desse momento podemos estabelecer conexões cotidianas com as experiências vividas em sala de aula.

Eliane, estas experiências que em sala de aula podem se tornar o princípio pelo qual elaboramos nossas aulas, fazem a diferença e podem proporcionar para o sujeito uma maior compreensão do mundo que está a sua volta e proporcionar que o mesmo tenha o contato com o mundo das letras partindo deste princípio.

7. ENSINO QUE DESPERTA PESQUISA

Realmente, Débora, aprendemos com todos os nossos educandos, mas alguns se tornam especiais pela forma como nos tocam, como é o caso de Dona Clemência para você.

E quantas pessoas nos tocam, em suas maneiras singulares de estar no mundo... E posso dizer que isso não acontece apenas na EJA, mas em todos os níveis de ensino. Eu mesma tive no ensino superior, alguns alunos que transformaram meus modos de ver o mundo, a partir do modo como habitam nele. Alguns alunos, para os quais cheguei a dizer: “O mundo precisa conhecer você e sua história”. Uma delas é Ludimar. Ludimar, no primeiro dia de aula do Curso de Pedagogia em uma faculdade na qual fui professora, se destacava por entre as carteiras da sala de aula com seus cabelos brancos em meio às meninas e meninos recém saídos da adolescência. A disciplina se chamava Oficina de Leitura e Produção de Textos. Ela se apresentou como poeta e, a cada aula, me surpreendiam os conhecimentos que ela trazia a respeito da língua portuguesa. E contou sua história: devido à sua condição de



mulher, não foi autorizada a estudar, primeiramente pela mãe, depois pelo marido. Ler sempre foi sua paixão. Escrever, sua maior forma de expressar seus sentimentos, sua forma de estar no mundo. Mesmo sem permissão, lia e escrevia escondido e seus poemas ficaram, por muito tempo, guardados na gaveta. Após ficar viúva, voltou a estudar e começou a mostrar seus poemas ao mundo. Primeiramente aos professores, depois a colegas em grupos de poesia, ao mundo, por meio de concursos literários e, atualmente, em livros publicados. Faz parte de um grupo de poetas do litoral que produz literatura marginal periférica, o Sarau das Ostras. Conheci Ludimar em 2010 e dois anos depois, chegou ao mesmo curso o Nego Panda, outro integrante do grupo que participa também de um grupo de *rap*. A cada aula, uma nova “briga”, no bom sentido, quando eu falava sobre a importância da revisão de textos, reescrita, etc. Ele não revisa nenhum de seus poemas e faz críticas à hierarquia literária que existe em nosso país. Por meio, mais uma vez, do diálogo, com Ludimar, Nego Panda e mais três participantes do Sarau, conheci mais sobre o movimento da literatura marginal periférica, pensei ainda mais sobre os saberes populares. Hoje a poesia e os modos de criação são temas de minha pesquisa de Doutorado e eles são participantes de minha pesquisa. Pesquisa que surgiu da curiosidade, do olhar para o outro de forma humanizada e humanizadora. De minha atividade de ensinar, surgiu a necessidade de pesquisar. Voltando novamente a nosso querido inspirador:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazerem encontram-se um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e meu indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2004, p. 29).

Quantas novidades descobrimos e queremos anunciar, não é mesmo, Débora?

Ah, e falando sobre pesquisa, como você vê a inter-relação entre ensino e pesquisa?

Há relação entre seus modos de ensinar e pesquisar?

8. EDUCAR EM DIFERENTES CONTEXTOS

Então, Eliane, o meu momento de pensar o meu projeto de pesquisa chegou e eu sinceramente tive de quebrar a cabeça e deixar que o sentimento falasse o que eu deveria pesquisar.



Trabalho há muito tempo no SUS, como colaboradora, fui fazer Pedagogia e nunca pensei que meus dois mundos tão distantes pudessem se encontrar um dia em um projeto de pesquisa.

Trabalhando cotidianamente com pessoas pouco escolarizadas no contexto do SUS, fui percebendo ao longo dos dias algumas dificuldades que estas pessoas apresentam no quesito “cuidar da própria saúde”. Isso ao longo do tempo foi me inquietando, pois percebia que pessoas por não terem domínio da leitura, perdiam consultas médicas importantes, exames importantes e quando o faziam não tinham compreendido o preparo, logo não poderiam realizar os exames.

Quando penso em pesquisa, me remete muito àquilo que nos move, nos inquieta, nos instiga, e refletir acerca das práticas de ler e escrever de pessoas pouco escolarizadas no contexto do SUS hoje é o que me move refletir sobre a educação do nosso país, meu trabalho no PEJA e minha graduação em Pedagogia.

Eliane, confesso a você que minha pesquisa está apenas começando, e tem sido um grande desafio refletir sobre estas práticas de leitura neste contexto. Hoje não sinto meus mundos tão distantes, além de refletir acerca das práticas destas pessoas, sinto-me encorajada a, de alguma forma, colaborar com a minha pesquisa para a vida destas pessoas e suas respectivas formas de olhar o mundo.

E como nosso mestre Paulo Freire reflete acerca das práticas cotidianas que podem auxiliar no aprendizado dos jovens e adultos, acredito que minha pesquisa, partindo deste contexto, possa futuramente contribuir para que os cidadãos possam aprender a partir do mesmo.

9. ENSINO-PESQUISA-POESIA

Realmente, Débora. Com certeza, sua ideia inicial de pesquisa tem tudo para dar certo. Nunca perca de vista essa ideia de contextualizar as coisas e dessa coisa bonita que você chama de “deixar o sentimento falar”.

Mas, voltando à ideia do diálogo... estive pensando esses dias algo interessante sobre o diálogo analisando os dados de minha pesquisa atual. Dialogar não é chegar com uma ideia e sair da mesma forma. A maior característica do diálogo é a transformação. Transformação de quem ouve e transformação de quem fala. Quando se chega a uma aula ou qualquer situação em que ocorra o diálogo, com uma fala pronta e totalmente planejada, não fazemos nada além daquilo que Paulo Freire critica quando fala sobre a educação bancária. A educação



libertadora é aquela que faz crescer e, volto aqui, à questão do “escutar”. Nas entrevistas que estou realizando para o meu Doutorado, aconteceu algo interessante. Como já havia comentado, minha pesquisa tem como tema a linguagem poética e estou trabalhando com os cinco participantes do Grupo Sarau das Ostras. Pois bem, antes de iniciar nossos encontros, enviei a eles um roteiro de perguntas sobre as quais conversaríamos. Roteiro elaborado por mim, pesquisadora, cujas perguntas estavam relacionadas às questões de formação e processos de criação realizados por eles. No entanto, ao chegar ao nosso encontro, a conversa foi tomando outros caminhos, muito parecidos com os chamados círculos de cultura que Paulo Freire realizava. Estavam todos reunidos, e cada um dos participantes ia comentando, ao seu modo, sobre os temas combinados. Às vezes, um deles, que seria apenas o entrevistado, começava a perguntar ao outro sobre questões pelas quais eles tinham curiosidade. Mais uma vez, rompeu-se a hierarquia. Não havia, como se prevê numa entrevista, alguém que pergunta e alguém que responde, alguém que sabe e alguém que não sabe. A chamada “entrevista” virou uma roda de conversa, na qual, mais que gerar material para uma pesquisa acadêmica, todos puderam aprender mutuamente.

10. RODA DE CONVERSA COMO MODO DE EDUCAR(SE)

Eliane, falando em roda de conversa...

Pensando em tudo o que tenho aprendido ao longo dos anos no PEJA, posso destacar como as rodas de conversa têm sido importantes para minha formação, ouvir o que o outro tem a dizer nos é sempre um desafio, mas as conversas no projeto sempre foram prazerosas e de muito aprendizado.

As rodas de conversa se tornam momentos de diálogo, onde refletimos a partir dos autores, destacamos nossas vivências cotidianas, logo estabelecendo um paralelo com todas as questões.

O PEJA, a meu ver, mudou meu olhar acadêmico, e hoje olho para a educação com outros olhos, outras perspectivas, enfim, o projeto mudou minha forma de refletir sobre muitas questões.

Acredito que assim como o projeto, as rodas de conversa são de extrema importância para o compartilhar, ouvir e conhecer.

11-PARA FINALIZAR – PALAVRAS QUE TRANSFORMAM



FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

V Seminário Nacional

13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP

Compartilhar... ouvir... conhecer... Débora, quanta riqueza nessas três palavras... Palavras que nos remetem a atitudes tão simples e, ao mesmo tempo, tão raras de se encontrar verdadeiramente. O bonito de tudo isso é que quem nos ensina essas três coisas, na maioria das vezes, não são os livros acadêmicos, escritos em linguagem muitas vezes difícil, mas os saberes de pessoas simples e humildes. Pessoas que, muitas vezes, dizem não saber, mas quantas coisas têm a nos ensinar...

Ah, se a educação na contemporaneidade, com tanta informação e tanta velocidade, tivesse como prioridade esses três pilares. Podemos dizer que uma educação sem diálogo não forma cidadãos, tampouco transforma consciências. Podemos dizer que Paulo Freire, com sua aparente simplicidade e sua imensa sabedoria, tem muito a ensinar a todos nós.

Enfim, o tempo passou, nossa conversa fluiu, não é mesmo? Poderíamos ficar aqui o dia todo conversando, não fossem as obrigações que nos chamam...

Pois é, Eliane, os desafios contemporâneos nos chamam.

Obrigada pelo nosso momento de diálogo! E até a próxima!

Abrços, Débora!

Que tenhamos ainda muitos espaços de discussão como esse...

REFERÊNCIAS

CAMARGO, Maria Rosa R.M.; JOAQUIM, Felipe Ferreira. (Org.). *PEJA Rio Claro como espaço de formação: nossas práticas, nossas histórias*. 1 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, v. , p. 13-27.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 28 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. *Extensão ou comunicação?* Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES
DE JOVENS E ADULTOS**

V Seminário Nacional

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP*

_____. *Pedagogia do oprimido*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.